

Fricções do Tempo na Trama Fotográfica¹

Adriana de Barros Ferreira Cunha²

Adolfo Cifuentes³

Pontifícia Universidade Católica de MG

Escola de Belas Artes da UFMG

RESUMO

A fotografia se relaciona intimamente com o tempo, desde o instante do clique, passando pelo seu processamento, até o tempo de apreensão da imagem pelo espectador e sua duração enquanto objeto. Apesar do tempo na fotografia ser um tema com várias possibilidades de análise, a abordagem deste trabalho que mescla Exposição Fotográfica e Artigo Científico, é sobre a temporalidade da imagem fotográfica híbrida, que conjuga técnicas contemporâneas com técnicas antigas. Para tratar sobre essa temporalidade, recorreremos primeiramente aos autores clássicos da Fotografia, como Vilém Flusser que fala do aparelho fotográfico e da forma como lidamos com ele e Boris Kossoy que trata da interrupção temporal e dos demais tempos que envolvem o processo fotográfico. Além destes autores, foi consultado Walter Benjamin quando trata das questões da reprodutibilidade técnica, do culto e da aura, e Georges Didi-Huberman com suas reflexões sobre os anacronismos das imagens. Vivemos nos últimos dois anos, algo que jamais imaginávamos viver: o mundo foi assolado por uma pandemia, que esvaziou as salas de aula, os corredores, e virtualizou as relações. A Exposição Fotográfica é composta pelas imagens das salas de aula e corredores vazios, obtidas digitalmente e posteriormente impressas em papel usando uma técnica fotográfica do séc. XIX, conhecida como Marrom Van Dyke, sem fixá-las. Estas fotografias não fixadas, ao serem atingidas pela luz ultravioleta durante sua exibição ao público, vão desaparecendo ao mesmo tempo em que estes espaços escolares outrora vazios voltam a ser ocupados. O fato de se poder escolher entre fixar ou não a imagem impressa, atinge diretamente a duração física da imagem, afetando a sua permanência enquanto preservação do

¹ Trabalho apresentado na DT 04 – Comunicação Audiovisual do XXV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 26 a 28 de maio de 2022.

² Doutoranda na EBA UFMG, professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda na PUC Minas, e-mail: professora@adrianaferreira.com.br.

³ Orientador da pesquisa de doutorado. Professor do curso de Belas Artes da UFMG, e-mail: adolfo.cifuentes@hotmail.com.

instante. Ação que acaba por acentuar a discussão da relação sobre a temporalidade, declarando ou não, a finitude da imagem fotográfica. Essa temporalidade que une passado e presente em uma única imagem, que proporciona hibridismos entre técnicas fotográficas antigas e técnicas contemporâneas, torna a imagem uma espécie de objeto onde acontece um anacronismo controlado. Então, à medida que os espaços antes vazios começam a ter presença humana, essas imagens feitas durante a pandemia irão se apagando. Porém, elas não se apagarão completamente, ainda restarão vestígios, para que não nos esqueçamos completamente deste momento complexo que estamos vivendo. Este apagamento gradual da imagem traz à tona questões sobre os tempos da imagem, e o devir como fluxo, ao tentar instaurar a ideia de eternidade em algo que é efêmero. Então resta-nos questionar quais são os tempos destas imagens fotográficas? Para responder a esta questão, foi escrito um Artigo Científico que tenta refletir sobre as relações temporais que envolvem este tipo de imagem fotográfica. Provavelmente, recorrendo aos processos fotográficos do século XIX, estaríamos impregnando de finitude as imagens digitais que a princípio não teriam fim, numa tentativa de resgate da aura. Passado e presente entrelaçados, enquanto a ação do tempo transforma a imagem. Para entender o hibridismo de técnicas tão distantes entre si, utilizamos o conceito de anacronismo desenvolvido por Didi-Huberman, e para pensarmos sobre o tempo como responsável pelo apagamento das imagens, e a recuperação da aura, recorremos à Benjamin. Se considerarmos o comportamento da sociedade contemporânea em relação às imagens, em que a urgência do compartilhamento praticamente se sobrepõe ao tempo do pensar, a fotografia como arte contemporânea navega contra a corrente quando o fotógrafo artista manipula temporalidades que não são a sua, ao se apropriar de uma técnica de séculos atrás. Ao produzir imagens que conjugam tecnicamente passado e presente, dá-se a criação de um objeto de temporalidade complexa. Se, a imagem é, sobredeterminada em face do tempo, como diria Didi-Huberman (2015), quando as técnicas fotográficas do séc XIX e as digitais se hibridizam para formar uma imagem contemporânea, essa imagem carrega em si pensamentos anteriormente separados pelo tempo, criando anacronismos. Talvez esta busca em acrescentar tempo ao processo fotográfico, tempo este perdido no processo migratório entre a fotografia de base química e a digital, esteja levando os fotógrafos contemporâneos a adotarem a utilização dos processos históricos da fotografia. O anacronismo acontece tanto do ponto de vista

técnico, que coloca em um mesmo plano, imagens produzidas contemporaneamente com técnicas abandonadas pelo desenvolvimento da fotografia; quanto do ponto de vista ideológico quando consideramos que as imagens refletem o modo de ver e pensar o mundo de uma sociedade em uma determinada época. Não seria, pois, um sintoma da contemporaneidade, inclusive ao [sobre]viver a uma pandemia, mostrar que tudo tem um fim, e ao mesmo tempo, tentar controlar esse fim, definindo por fixar ou não uma imagem impressa sobre papel? As próprias imagens de salas de aula e corredores vazios e seu apagamento quando estes espaços voltarem a ser frequentados por estudantes e professores, não seriam indícios históricos? Recorrendo aos processos de impressão do século XIX, estaríamos impregnando de finitude as imagens digitais contemporâneas que a princípio não teriam fim. Isto porque estes processos históricos já mostraram que as imagens impressas a partir deles, não duram para sempre, elas degradam, desbotam, elas deixam de existir. Não são como as imagens digitais em um HD, que não perdem sua essência se tiverem um software que as decodifique. O tempo com o qual a arte trabalha não é apenas uma linha que se tenciona entre o passado e o futuro, é também o tempo de ocupação - o tempo no qual o artista vivencia, o tempo das coexistências. Em uma época de fotografias digitais, em que imagens são rapidamente obtidas e reproduzidas infinitas vezes nas telas dos smartphones, quando o fotógrafo contemporâneo decreta a finitude de uma imagem que antes teria uma duração longuíssima, (quem sabe até infinita), ele interfere diretamente no tempo de representação, no tempo de fruição e na própria existência em si, daquela imagem. Estaríamos então, usando o filtro cultural do tempo, em nossas produções fotográficas contemporâneas? Segundo Boris Kossoy, sim, pois uma única fotografia carrega em si, dois tempos, o tempo da criação, e o tempo da representação. Se estamos interferindo em algum desses tempos, estamos reafirmando questões culturais de nosso tempo sobre as imagens produzidas. Se, segundo Benjamin a reprodutibilidade técnica aumenta e possibilidade de exposição, ao determinarmos que uma imagem não será reproduzida e que se apagará, tornando sua existência única em determinado lugar e tempo, não estaríamos tentando torná-la novamente um objeto de culto, recuperando a sua aura? Provavelmente sim. Talvez, esse desenvolvimento tecnológico acelerado, esteja fazendo com que fotógrafos contemporâneos busquem usar técnicas que confirmem à imagem fotográfica personalidade, como forma de diferenciação de seus trabalhos autorais entre

todas as imagens disponíveis corriqueiramente num rolar de tela de alguma rede social. A imposição da mão do artista, ao emulsionar às pinceladas o papel que vai receber a imagem, aproxima a imagem de algo impossível de ser reproduzido, pois nunca uma pincelada será igual a outra. Esse tipo de ação se relaciona com as percepções que Arlindo Machado fez em *A Ilusão Especular* (1984), sobre o comportamento dos fotógrafos no início do século XX, quando dominou o estilo pictorialista, estaríamos repetindo um ciclo, cem anos depois? Vale refletir, que talvez estejamos tentando tornar uma imagem única e logo depois matá-la, numa crítica ao fluxo de milhares de imagens a que somos expostos diariamente. Talvez se esteja produzindo um tipo de imagem que converge para os processos históricos, tidos como inadequados tecnicamente, numa tentativa de personalizar, ou personificar uma imagem, dando-lhe textura, grão e imperfeições que a imagem produzida digitalmente é incapaz de ter. Ou será que apenas estamos querendo impor a nossa presença, num mundo cada vez mais veloz e impessoal, representado por bits e bytes? Provavelmente, mesmo num mundo inundado por imagens, estejamos sentindo falta da aura nas imagens fotográficas, que a velocidade dos meios de captação e o compartilhamento frenético nos impedem de fruir.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; processos históricos; van dyke; aura; anacronismos.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Zouk, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. CASA NOVA, Vera (trad.); ARBEX, Márcia (trad.). **Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, 1985.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Poços de Caldas - MG – 26 a 28/05/2022

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular: introdução à fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

RICOEUR, Paul. CESAR, Constança M. (trad.); FERREIRA, Roberto L. (trad.). **Tempo e Narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994. 6023.